

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A escola do Character*, pela *Imprensa* — SECÇÃO CRITICA: *Perpetuidade!* pelo ex.^{mo} snr. Dom Antonio d'Almeida; — *Amigos!* pelo ex.^{mo} snr. S. M.; — *Ab omni specie mala abstinete vos*, pelo rev.^{mo} snr. Padre Eugenio Freire. — *Biblia* (continuação) pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *Os santos advogados*. — SECÇÃO LITTERARIA: *A Milicia Christã* (2.^a parte), pelo rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — *Quando creança*, pelo ex.^{mo} snr. Eugenio dos Santos Freire; — *A morte da flor*, pelo ex.^{mo} snr. Francisco do E. S. Guerra; — *A minha estrella*, pelo ex.^{mo} snr. Francisco Guerra; — *O Natal*, pela ex.^{ma} snr.^a M. M. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *S. Casimiro, Confessor*; — *Descimento da Cruz*. — RETROSPECTO.

Gravuras: *S. Casimiro, Confessor*; — *Descimento da Cruz*.



S. CASIMIRO, CONFESSOR

SECÇÃO DOCTRINAL

A escola do Character

CAMINHANDO por sobre os respeitáveis destroços dos seculos idos, revolvido o impoerado arquivo dos factos, coroados de uma eviſencia demonstrada, o espirito orientado do observador capacita-se do alto prestigio de quanto em todos os tempos e em todas as condições existenciaes, tranſcendeu o alcance do questionario que tem por titulo o nosso artigo.

No estado infante dos povos, aggregados todos na limitada esphera da primeira familia, religiosamente eram respeitadas as prescripções auctoritarias do seu chefe, objectivando-se muitas vezes as expansões superrogatorias de uma felicidade intima, derivada da consciencia de um dever cumprido: — ou-tão a conducta do homem, a regra de bem viver na sociedade nascente, foi sobre tudo o phenomeno vindicado, como hoje, para os prelios de sua responsabilidade politica, e o ponto de seus estudos scientificos.

No exame rigorosamente cultural da formação do verdadeiro character, formou-se a theoria da virtude e do dever; elevou-se a alma ao conhecimento de uma causa primeira necessaria, como fonte de todo o bem e creadora do mundo; estabeleceu-se a existencia da alma immortal e sobrevivente, dictando a punição do crime pelo agulhão do remorso; e o homem abrindo o evangelho de suas convicções, reconheceu os deveres para consigo, apresentando a justiça como o penhor adamantino das relações sociaes, fazendo egualmente conhecida a piedade que resume os seus deveres para com o auctor de seus dias.

A historia codificada de todas as nações cultas deixa antever por luminosas consequencias os terminantes dispositivos de suas leis, fundadas nos indeleveis signaes do verdadeiro character, victoriando novos direitos cogitativos de sua posse effectiva, como meio equidistante da felicidade de um povo.

E se em epochas remotas o estudo comparativo d'esta alavanca do progresso foi sellado do resultado substancial de um trabalho serio e persuasivo, maxime no ponto affirmativo de sua fonte e de sua e cola: ent. e nós de nenhum modo nos tempos que correm com rasão plausivel se deve descurar dos principios propulsores de sua estabilidade, porque o devemos considerar como o *quid* caracteristicamente thermometrico para aquilatar-se dos meios derivantes do verdadeiro desenvolvimento da razão n'esta caminhada

sinuosa e continua para o desconhecido.

Por uma analyse conscienciosa podemos precisar por obvias deducções das fontes do verdadeiro character.

O character, o apanagio glorioso de um espirito esclarecido, deve dimanar portanto da plena invulnerabilidade de uma crença legitima; bafejada pelos maviosos acórdes de uma orchestra de conceitos, tangida pela mão sabia e omnipotente de um Ser que estabeleceu a séde immutavel do justo e do bem.

O character deve formar-se dos ensinamentos justos e equimultiplices da moral, desenvolvendo os sagrados atilhos da concordia fraterna n'esta vasto amphitheatro da vida, onde se degladiam as cohortes dos apaixonamentos pessoases, desviando-se de uma louvavel abnegação que visou sempre o bem da collectividade.

O character deve assestar as baterias de seu principio no estado permanente da sociedade politica, elucidando a norma directriz dos legisladores modernos, afim de elaborarem as leis, consoantes as necessidades irrecusaveis e palpitan-tes d'esta epocha, que parece querer receber a consagração da anarchia e o baptismo do desrespeito aos poderes constituídos.

O character deve fundar-se nas pequenas e subidas manifestações da vida individual, compenetrando-se cada um de dolorosa illação — de que cada passo se u, ensaiado nos vestibulos da vida real, decóra-se do solemne compromisso de responder no tribunal inquisitorio do juizo alheio que deverá ser suplantado n'este caso pelo antemural irresistivel das boas acções.

O character deve implantar seu fundamento basico nas relações sociaes de classe, devendo tender para o ideal genuino da perfectibilidade humana, na doce expressão de S. Thomaz de Aquino — *bonum perfectum in quod totaliter quievit appetitus*.

O character deve fundar-se na escola da infancia, pelo exemplo do mestre a quem *de jure* se deputa uma paternidade, devendo assim conduzir a mocidade pelas veredas austeras sim, mas sublimes da moral christã.

O character deve-se fundar na sociedade domestica ou na familia, este aviarío de benção e de amor, na incomparavel libação dos sabios conselhos de uma mãe christã, esta sentinella avançada do dever, que custodia o infante, esse archanjo de paz e esta operaria bemdicta que o alevanta para o augusto templo da virtude e da dedicacão nos sentimentos nobres de patriotismo e de religião.

E o character em synthese torna-se o consequente necessario d'este temor que

é o grande, unico e glorioso principio da sabedoria — *Initium sapientiae timor Domini*.

Eis o epilogo immanente do character, e o estudo da sua formação mereceu um ingente esforço e um supremo estimulo para a pratica salutar do seu dominio.

IMPRESA.

SECÇÃO CRITICA

Perpetuidade!

NESTE mundo não ha perpetuidade, sim na outra vida! mas como é que nossos antepassados tanto disputam *in perpetuum*, sobre cousas a realizarem-se n'esta vida? E bem sabiam elles que o mundo ha de acabar! Então em que se fiavam?

Homens de boa fé, homens honrados, não julgavam que pudesse haver outros homens capazes de pisarem aos pés as justas disposições *post mortem* feitas com sentimento religioso e em harmonia com as leis divinas e humanas, e era assim que os mesmos antepassados concebiam aquella perpetuidade relativa. Horrorisa o desafôro com que o modernismo tem despresado as ultimas vontades quando estas não temido um braço forte hereditario, individual, para fazer respeitadas; n'este ponto ha milhões de injustiças a reparar, porém n'isto não se pensa, mas o tremendo juizo ha de vir, e as consciencias adormecidas na injustiça são rés do inferno, o qual é a perpetuidade da pena e da dôr sem remissão! Isto bem acreditado e meditado, como verdade innegavel, é capaz só por si de fazer barreira cerrada e de impedir todo e qualquer peccado. O futuro eterno é tremendo!

Os escriptores catholicos têm de falar claramente, sem ambages, e repeller as lisonjas, estas inimigas d'alma!

Os escriptores catholicos exercem um sacerdocio, guiados pelo sacerdocio por excellencia; assim o designam porque assim o conceituam auctoridades na Igreja de Deus; que sublime missão o luctar com a ignorancia! E a ignorancia até que se refere á religião; esta ignorancia é assombrosa, e tanto que podemos dizer: que apenas uma minoria conhece, nas cidades, inteiramente a religião; este tristissimo estado faz aos escriptores catholicos, constitue-os no dever de procurarem com todas as suas forças o fazer por completo conhecer a verdade.

Por sua parte tem os governos a gravissima responsabilidade de constituir na escolas de todos os graus o en-

sino religioso, aliás já decretado por alguns governos depois de convencidos pelo augmento dos crimes e precocidade criminal, consequencias da falta do ensino sem Deus e do cathecismo escolar. Vê-se muita distribuição de premios nas escolas leigas ou por occasião dos exames n'estas, exames sobre tudo menos sobre materia religiosa, pois que esta não é ensinada, nem é sabida em geral por aquelles professores completamente quando da religião sabem alguma cousa! Um zêlo como sentia em si o Apostolo S. Paulo: *zelus domus tuae comedit me!* Eis o que é mister em todos que desejam a reforma salvadora da sociedade, que sendo finita e limitada pode gozar aliás de uma certa perpetuidade de justiça e de paz como gozou n'outros tēpos em que a maçonaria não deu as cartas. Seja-se missionario de todas as horas e em todas as occasiões *opportune et inopportune* no sentido e na phrase do Apostolo; uma palavra boa e bem dita pode produzir uma salvação; nas salas pode ser-se missionario, e S. Francisco de Salles diz-nos o bastante para dar auctoridade a esta asserção; as salas não são templos, mas podem servir o templo. A casa de Deus é campo catholico para todo aquelle que busca não perder um momento na propagação da verdadeira doutrina e defender a causa de Deus, o que se torna n'uma certa perpetuidade por ser sempre e sempre; a continuação das boas obras alcança o bom resultado do habito de fazer o bem, e de o fazer com consciencia e não como um automato.

O bem perpetuo é antithetico do mal perpetuo: *A morte perpetua libera nos Domine!*

DOM ANTONIO D'ALMEIDA.

Amigos!

AO MEU BOM AMIGO J. B.

Virtus amicitiam et gignit et continet; nec sine virtute amicitia esse ullo pacto potest.

MUITO popular o nome d'amigo; porém é rara a verdadeira amizade.

Encontram-se dois homens n'uma estalagem qualquer; não se conhecem porque nunca se viram; não sabem d'onde veem, nem para onde vão.

Ao principio, medem-se d'alto a baixo, com uns olhares exploradores, que fariam tremer um qualquer francez no «tempo do terror»; passados minutos já se cumprimentam d'uma maneira fastidiosa, que cheira a ranço e minutos depois tratam-se por amigos.

E chamaes a isto uma amizade verdadeira?

E' provavel que seja o principio d'uma verdadeira amizade; mas que só com tempo e experiencia se poderá conhecer.

E' necessario, portanto, muita cautela na escolha d'amigos.

Debaixo da capa da amizade, está quantas vezes a malicia de mãos dadas com a inveja!

Foram os falsos amigos que perderam Roboão. Deram-lhe maus conselhos, após os conselhos bons dados pelos anciãos do tempo de seu pae e amigos sérios d'este principe que se quiz fazer o jugo do povo de Deus.

Eram os amigos falsos que pretendiam persuadir o paciente e «santo» Job a impacientar-se com as provações porque passava no meio das calamidades que o atormentavam.

F'inalmente se folhearmos a historia, por toda a parte encontraremos exemplos de falsos amigos, que teem sido a ruina de muitos outros e a perda de si proprios.

Que nos aconselha Heitor Pinto?

Aconselha-nos que examinemos de mansinho, que façamos uma analyse cuidadosa, d'aquelle que nos trata por amigo.

Sim, devemos procurar amigos que nos amem; que formem conosco um só pensamento, uma só vontade.

No estado de sociabilidade em que vivemos, necessitamos de quem nos ajude, com seus bons conselhos, a percorrer o longo caminho da vida de forma a evitarmos os precipicios, que muitas vezes não vemos e a procurar aquillo que nos pode guiar ao termo da nossa existencia que é o Céu.

E' pois de grande necessidade escolhermos um bom amigo, que nas occasiões de perigo nos auxilie e acompanhe; e não nos feche a porta ou vire as costas com desprezo e aborrecimento.

S. M.

Ab omni specie mala abstinete vos

Apost. 1. Thess. V, 22.

NOS tempos, que vão correndo, em que a honra d'um cidadão é coisa de pouca monta, em que o bem e a virtude se vêm sujeitos aos mais baixos e cynicos sarcasmos: n'este tempo, finalmente, em que o vicio e a descrença correm infrene e paralellamente demolidores das consciencias, difficilmente se attenderá a estas sublimas palavras do apostolo S. Paulo!!

E' de contristar, causa mesmo mal-estar, vêr como Portugal, o gigante do passado, se vê como que corren-

do, veloz, na vertigem do vicio e da desmoralisação, para se precipitar no abysmo insondavel, e se perder, irremissivelmente e para sempre, nas redes da desgraça.

Outr'ora, quando as consciencias se achavam puras e os homens tinham por modelço, nos seus actos, o sublime e dulcissimo quadro da virtude, este canto do extremo occidente da Europa, foi grande, nobre e glorioso!

Então em cada filho tinha Elle um baluarte de bons costumes, fonte inexaurível de valentia militar e de brios patrioticos. Foram elles, que, alliados, e como que consubstanciados com a santa religião do *Crucificado*, fizeram tremular, em longinquas paragens, a bandeira das quinas, tantas vezes tingida em sangue de barbaros vencidos!

Foi n'esse tempo—tempo saudoso! —que Portugal attingiu o apogeu da sua gloria, porque tinha filhos, para quem o dever era uma virtude e a desobediencia um crime; para quem a fazenda, em seu conceito, ficava muito áquem da honra, e em cujo entender as ordens do principe e os interesses communs lhes segredavam ao ouvido que era necessario obedecer.

E n'estes tempos que vemos?

Para uns, Deus é um mytho; o dever uma palavra sem sentido e a virtude uma palavra convencionalmente usada, mas que não tem razão de existir, como a sua pratica não passa de uma ingenuidade!

Para outros a auctoridade não é mais que uma phantasmagoria e a ordem social uma obra dos ignaros e um desejo dos auxiliados de fortuna!

Se lanço uma vista por esse jornalismo periodico, que vejo?

Desmoralisação e penuria nas consciencias, negociata de bons talentos por uns magros cobres—um apocalypse de ideias, que se assentam hoje, para amanhã derruirem ao mais leve sopro da conveniencia!...

Que logar estão desempenhando, no geral, esses jornalistas da *ultima moda*? — Servem-se do mais simples episodio, da mais insignificante anecdota, para motejar, a torto e a direito, do que ha mais santo — a religião christã. E, não sendo ainda bastante, engendram as mais violentas apostrophes, fazendo-se a elles mesmos a apotheose do vicio e da sciencia sem Deus!...

O grande dia, porém, ha-de chegar: esse dia em que não haverá complacencias, nem corruptibilidade de juiz! — Então o jornalista arrepender-se-ha dos escandalos, que houver commettido, do vicio preconizado e da justiça violada!

Será então que, finalmente, desejariam voltar a este val dos mortaes, onde tudo é confusão e desordem, para

por um só momento, se possível lhes fosse, recuperar o perdido; para, emfim, pôrem em pratica os salutaes e divinos conselhos do apostolo das gentes: — Abster-se de toda a especie de peccado!!...

PADRE EUGENIO FREIRE.

Biblia

(Continuado de pag. 275)

ADAREZER. Filho de Bohob Rei de Soba. Foi derrotado por David quando intentava estender os seus dominios até ao Euphrates, tendo-lhe o de Rei Israel tomado algumas cidades e aprisionado 1700 ho mens de cavallo e 20 mil de pé. E tendo os syrios de Damasco vindo em soccorro de Adarezer, David lhes matou 22 mil e, cabindo em seguida sobre esta cidade, a guardou, subjeitou, e fez sua tributaria.

ADEODATO. Tecelão de Belem, que n'uma batalha em Geth matou a Saphaida, da raça dos gigantes.

ADDAR. Era o nome do 12.º mez, sendo o do 1.º, Nyzan; o do 2.º, Zio; o do 3.º, Syban; o do 7.º, Ethnim; o do 8.º, Bul; o do 9.º, Casleu; o do 10.º, Thebeth; a do 11.º, Sabbath. Os nomes do 4.º, 5.º e 6.º não conseguimos achal-os.

ADDO. Propheta do tempo de Salomão. Predisse acerca de Jerolevam filho de Nabat.

ADDONIAS. Filho de David e de Agith. Logo que seu pae, pela sua avançada idade, cahiu de cama, pretendeu reinar em seu lugar; e tinha já grande partido quando Bethsabé, mãe de Salomão, por conselho de Nathan, se apresentou a David, dizendo: «Senhor: tu juraste á tua escrava, pelo Senhor teu Deus, que Salomão, meu filho, reinaria depois de ti; mas eis que Addonias reina, sem que tu, ó Rei meu senhor, o saibas.» E assim foram destruidas as pretensões de Addonias na mesma occasião em que se banqueteara com seus amigos e partidarios; porque, tendo David logo ordenado a proclamação de Salomão, Sadoc, Nathan e Banaias, o fizeram acclamar em acto continuo. Depois da morte de David, Addonias se dirigiu a Salomão, por intermedio de Bethsabé, a lhe pedir a mão de Abizag para esposa, cujo pedido lhe custou a vida, porque Salomão o mandou matar. *V. Abizag.*

ADDONIRAM. Foi superintendente dos tributos publicos no tempo de Salomão.

ADDRAMFLECH. Filho de Sennaquerib Rei da Assyria. Matou a seu pae no templo de Nesroch em Ninive, sendo seu cumplice Sarazar seu irmão.

ADDURAM. Foi superintendente dos tributos publicos no tempo de David.

ADONIZEDECH. Rei de Jerusalém. Temendo os israelitas, por causa dos habitantes de Gabaon se lhes terem entregado, — querendo-lhes tirar esta cidade, que era uma das principaes, — se alliou com os Reis de Hebrion, Gerimoth, Laquis e Heglon, contra Josué, principe de Israel, o qual os venceu e fez morrer a todos cinco, bem como aos habitantes das suas cidades. No decurso d'esta pavorosa batalha, é que Josué — vendo que lhe faltava tempo para a completa derrota dos cinco Reis amorrheus — disse em nome de Deus: «Detem-te, ó sol, sobre Gabaon, e tu, ó lua, sobre o Valle de Ajalon!» E o sol e a lua se detiveram até que Israel acabou de exterminar a seus inimigos.

ADULTERA. E' a do Evangelho. Estando Jesus um dia ensinando no templo, os «escribas» e «pharizeus» lhe foram apresentar uma mulher, dizendo: «Mestre: esta mulher, segundo a Lei de Moysés, deve morrer apedrejada, em adulterio. Que dizes tu a isto?» Digo, respondeu Jesus, que o primeiro que d'entrê vós se julgar sem macula, seja o primeiro a apedrejal-a. E, tendo-se elles lentamente retirado todos, porque nenhum se julgava sem culpa, disse para a mulher accusada: «Ninguem te condemnou: tambem eu te não condemno. Vaé, e não tornes a peccar.»

ADULTERIO. Era punido de morte pela Lei de Moysés.

AGAG. Rei de Almalce. Tendo Saul sido mandado a destruir a sua cidade com tudo que n'ella se encontrasse, poupou todavia a vida a Agag, de quem se fez acompanhar, bem como a alguns rebanhos que trouxe consigo, contra os mandados de Deus, pela bocca de Samuel, que tendo-o sabido, depois de o ter exprobrado, lhe disse: «Traz-me Agag Rei de Amalec», o qual, tendo chegado á presença do propheta, gemeu: «Assim me mata a crua morte?» Ao que Samuel lhe respondeu: «Assim como a tua espada tem arrebatado os filhos ás mães, assim tambem tua mãe ficará sem filhos.» E terminando a breve e fatal sentença, o matou. Depois que Samuel, além d'outros em que já tinha cahido, commetteu este peccado, tendo ainda por cima, na sua volta d'Amalec, feito levantar um arco de triumpho a si mesmo, é que Deus o desamparou, e o propheta Samuel o não tornou a vêr durante a sua vida; porque foi então que Deus lhe disse ungisse a David em lugar de Saul.

AGAR. Escrava de Sara, mulher de Abrahão. Vendo Sara que não tinha filhos, a deu a seu marido na espe-

rança de, ao menos por ella, os ter. E com effeito teve a Ismael. *V. Anjo.*

AGGABO. Propheta do tempo dos Apostolos. Predisse uma grande fome que veio no do imperador Claudio, tendo tambem annunciado a S. Paulo as tribulações porque veio a passar até á morte.

AGGEU. Propheta a quem Deus — no 2.º anno do reinado de Dario, — ordenou que fallasse a Zorobabel ou Zerobabel, principe de Judá, e a Jesus, summo Sacerdote, assim como ao resto do povo que havia em Jerusalém, para que se trabalhasse na reedificação do templo do Senhor, ao que elles, grandes e pequenos, de bom grado accederam, fazendo começar os trabalhos. *V. Dario.*

AHIAS. Propheta de Silo. Tendo encontrado a Jeroboam filho de Nabat, quando ella deixava Jerusalem por se ter sublevado contra seu amo, lhe predisse que Deus queria que elle viesse a reinar sobre 10 tribus de Israel por causa dos peccados de Salomão que, ao saber-o, o quiz mandar matar, o que não conseguiu, porque Jeroboam se refugiou para o Egypto, d'onde não voltou em quanto Salomão viveu. *V. Salomão.*

AHINAN. Principe da linhagem de Eurac. Foi morto por Calele, que lhe tomou a sua cidade, que parece ter sido Geth.

AHIRAM. Filho de Benjamim filho de Jacob. Teve mais 2 irmãos: Supham e Bela.

AJALON. Successor de Abezan. Julgou a Israel 10 annos.

ALEXANDRE MAGNO. Primeiro imperador do «imperio» chamado «dos gregos». Depois da batalha que tinha ganhado a Dario, quiz ir contra os judeus por elles lhe terem negado soccorros bellicos contra os Reis dos persas, de quem então eram aliados; mas o summo Sacerdote Jaddo o fez desistir da empreza, mostrando-lhe as prophcias de Daniel que annunciavam a destruição do imperio dos persas por um Rei grego. Morreu Alexandre aos 33 annos d'idade, tendo reinado 12 (!) E, não tendo deixado filhos, passou o seu imperio a Ptolomeu e Seleno, seus generaes. *V. Heliodoro.*

ALTAR. O primeiro, depois do diluvio, foi levantado por Noé, que sobre elle sacrificou em acção de graças ao Senhor, por o ter salvado com sua familia.

ABRAN. Filho de Sobal. Teve mais 4 irmãos: Manahat, Ebal, Sepho e Onan.

AMALEC. Rei de Amalec que veio a Raphidim contra Israel, quando os filhos de Jacob chegaram do Egypto. Josué o desbaratou e fez fugir.

AMATH ou **EMATH.** Filho de Canaan

filho de Cam. Teve mais 10 irmãos: Sidon, Heth, Jebus, Amorrh, Gerges, Hev, Arac, Sin, Arad, e Samar.

(Continua.)

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 20)

CCXCIX

P. Gonçalo de Medeiros

Foi este santo religioso o primeiro que em Portugal vestiu o habito da Companhia de Jesus, quando esta Ordem aqui foi introduzida a pedido de D. João III, e com satisfação de todos os bons portuguezes d'aquelle tempo.

Gonçalo de Medeiros nasceu na villa de Freixo de Espada á Cinta, na provincia de Traz-os-Montes, nos principios do seculo XVI. Sendo ainda clérigo secular, já era conhecido como varão insigne em virtudes, exemplarissimo e penitente.

Chegando ao nosso reino os primeiros varões apostolicos da Ordem de Santo Ignacio, cuja santidade por todos era claramente vista, Gonçalo, movido d'uma vocação irresistivel, abandonou o seculo e professou n'aquella nova e admiravel congregação.

Dizem alguns auctores que elle fôra avisado por um Anjo que lhe appareceu, para entrar na Companhia. O que é certo é que Gonçalo de Medeiros abraçou a vida do claustro para melhor servir a Deus e ao proximo; e aquelle que no mundo era um sacerdote virtuoso, no estado monastico foi um religioso perfeito. D'onde se vê que só por inspiração divina tomou aquella resolução.

Depois de alguns annos que viveu na Companhia, no exercicio das mais heroicas virtudes, este jesuita morreu em Lisboa a 4 de abril de 1552. Foi muito estimado d'el-rei D. João III e da rainha D. Catharina.

O P. Gonçalo de Medeiros é geralmente tido como um dos veneraveis servos de Deus que floresceram na Companhia, em Portugal. Boaventura Maciel Aranha, que escreveu nos meados do seculo passado, refere as suas heroicas virtudes na «Vida dos Santos lusitanos».

Farei notar que em sentido rigoroso a qualificação de «veneravel» só compete áquelle que tem sido assim designado pela Igreja, sendo solemnemente declaradas as suas virtudes em grau heroico pela Congregação dos Ritos,

em assembleia geral na presença do Santo Padre.

Tambem se chamam «veneraveis» aquelles cuja causa de beatificação é introduzida, supposto que ainda não discutida.

Mas em sentido menos rigoroso são veneraveis todos aquelles cujas virtudes são geralmente reconhecidas e provadas sem contestação. Está n'este caso o jesuita, Gonçalo de Medeiros. Apesar de não ser canonisado nem beatificado, ninguem duvida da sua santidade.

Não consta que deixasse algumas obras, não obstante ser um varão doutissimo.

—

CCC

P. João de Lucena

Nenhum litterato portuguez, e creio que mesmo estrangeiro, ignora quem foi este jesuita, de que agora me vou occupar: todos o reconhecem como um dos varões illustres do nosso reino. Os mesmos adversarios da Companhia de Jesus elogiam o P. João de Lucena.

Eis o que escreve um d'elles:

«Este illustre sacerdote (o jesuita Lucena) é um dos principaes classicos da lingua portugueza. Escreveu a *Vida de S. Francisco Xavier*, com tal propriedade, energia e pureza de linguagem, que são poucos todos os elogios com que se honra a memoria de tão celebre escriptor, cujas obras se podem citar como modelo.»

Todos os auctores concordam n'esta apreciação; e não era preciso accrescentar mais coisa alguma; mas apenas mais duas palavras.

O P. João de Lucena nasceu na villa de Trancoso, no anno de 1549, entrou na Ordem de Santo Ignacio, onde se distinguiu na oratoria sagrada, e falleceu em S. Roque de Lisboa, no anno de 1600.

Por suas virtudes e sciencia occupou um logar eminente na sua Congregação, e foi amado dos estranhos que o admiravam na cadeira evangelica.

A obra que publicou sobre o Apostolo das Indias é um livro raro e muito estimado pelas interessantes noticias que dá do nosso Estado da India e d'outros paizes da Asia.

Acha-se esta obra, notavel pelo seu estylo, traduzida em latim, francez, italiano e hespanhol, signal evidente, diz um critico, do seu merecimento litterario.

Assim, depois do P. Vieira que brilhou na oratoria e foi o principe dos prégadores, temos o P. Lucena, classico na historia. Dois jesuitas, além d'outros muitos, que honraram a religião, a sua Ordem e o nosso reino.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Os santos advogados

REFERIMOS-NOS aos santos que costumam ser invocados e reconhecidos como especiaes protectores de quem soffre certas doenças.

Sobre este assumpto publicou-se ha pouco em França um livro curiosissimo intitulado: *Os santos patronos das corporações e protectores especialmente invocados nas doenças e circumstancias criticas da vida*, por L. du Broc de Legange, membro do ministerio da instrucção publica, e J. Moret, arceidiago da cathedral de Moulins.

Esta obra é inspirada n'uma grande fé e n'uma devoção sincera. Os seus subsidios, que são muitos e valiosos, procedem das famosas *Acta sanctorum*, escriptas pelos Bolandistas (S. J.) e por outros muitos auctores, e de memorias, archivos, florilegios e historias locaes, com a approvação dos Bispos de Moulins e de Paniers.

Eis uma lista dos principaes santos advogados.

Contra as colicas, por exemplo, ha 18 santos; contra as convulsões 10; contra os maus partos 70; contra as doenças de dentes 20; contra os tumores 15; contra as doenças 85; contra a epilepsia 37; contra as febres 123; contra a loucura 24; contra a sarna 14; contra a gotta 23; contra a doença de pedra 20; contra as hernias 19; contra a hydropesia 11; contra a lepra 12; contra a tysica 16; contra a peste 53; contra a hydrophobia 17; contra o rheumatismo 15; contra a esterilidade 27; contra as dôres de cabeça 49; contra as doenças dos olhos 47, etc., etc.

Vamos agora a conhecer os nomes de alguns d'esses santos:

«Abscessos na garganta»—Santo Alberto e S. Quirino.

«Partos difficéis»—S. Daniel de Padua, S. Leão, S. Norberto, S. Leonardo, Santa Julianna, Santa Conegundes, Santa Coleta e Santa Margarida.

«Gordura excessiva»—S. Millefortes.

«Doenças das articulações»—S. Philippe Nery.

«Asma»—Santo Eloy.

«Feridas graves»—Santa Aldegundes e Santa Reynalda.

«Queimaduras»—S. Lourenço e S. Lazaro.

«Cancros»—S. Gil, S. Bento, Santa Agueda e Santa Aldegundes.

«Inchação de ventre»—S. Germano de Auxerre.

«Pesadellos»—Santa Franca.

«Cegueira»—S. Christovam.

«Consequencias de quedas»—Santa Quiteria.

«Colicas»—Santo Erasmo e Santa Emeranza.

«Fraqueza de organismo» — Santo Ulrich.
 «Consumpção» — S. Pantaleão.
 «Convulsões nas creanças» — S. Bartholomeu, S. Mauricio e Santa Claudia.
 «Tosse convulsa» — S. Braz.
 «Dôres no pescoço» — Santo Arnaldo e S. Lopo.
 «Caimbras» — S. Firmino.
 «Doenças dos olhos» — Santa Rosa.
 «Herpes» — Santo Antonio e S. Julião.
 «Dôres de dentes» — S. Christovam, S. Crescencio, S. Rigoberto, S. Medardo, S. Nicolau, S. Roque, Santa Isabel da Hungria, Santa Ida e Santa Apollonia.
 «Diarrhea» — S. Lopo e S. Germano de Auxerre.
 «Disenteria» — Santa Eulalia.
 «Doença de espinha» — S. Deodato.
 «Tumores frios» — S. Quirino, Santo Eduardo, S. Cloud, Santa Candida e Santa Balbina.
 «Envenenamen'os» — S. Bento e S. Firmino.
 «Demora no andar das creanças» — Santo Hilario, S. Sulpicio, Santo Arnaldo e Santa Aldegundes.
 «Rouquidão» — S. Bernardino.
 «Doenças das visceras» — Santo Erasmo.
 «Epidemias» — S. Roque.
 «Epilepsia» — Os Santos Reis Magos, S. João, S. Joaquim e S. Hildeberto.
 «Erisipela» — Santo Antonio e Santa Boma.
 «Inflamação nas glandulas» — S. Braz, S. Lopo, S. Gomes e S. Damião.
 «Doenças do estomago» — S. Thimotheo e S. Gregorio Magno.
 «Desmaios» — S. Valentin.
 «Febres» — S. Felix, S. Rigoberto, Santo Antonio, S. Lopo e S. Hugo.
 «Loucura» — Santa Bertha.
 «Sarna» — S. Job e S. Marcos.
 «Gangrena» — S. Marcello e S. Antonio.
 «Papeiras» — S. Braz.
 «Gôta» — S. Gregorio Magno e S. Julião de Alexandria.
 «Hemorragias» — Santa Martha.
 «Hydropesia» — Santo Eutropio, S. Quintino e S. Gilberto.
 «Doenças incuraveis» — S. Judas Thadeo e Santa Rita.
 «Consequencias da embriaguez» — S. Mathias, S. Martinho e Santa Bebiana.
 «Ictericia» — S. Gerardo.
 «Doenças da lingua» — Santa Catharina e S. Romão.
 «Lepra» — S. Lazaro e S. Job.
 «Doenças nervosas» — S. Jorge e S. Marcos.
 «Dôres de ouvidos» — Santo Aureliano, S. Polycarpo e Santa Thereza.
 «Palpitação» — S. Pio.
 «Paralysisia» — Santa Clotilde.

«Doenças contagiosas» — S. Roque, S. Sebastião, S. Francisco de Paula e S. Gerardo.
 «Doença de pedra» — S. Renato, Santo Estevão e S. Humberto.
 «Pleuresia» — S. Manuel.
 «Raiva» — S. Domingos, S. Pedro e S. Dionisio.
 «Bilis» — S. Felicio.
 «Constipações» — S. Quintino.
 «Escorbuto» — Santo Antonio e S. Firmino.
 «Tinha» — Santo Ignacio e Santa Anna.
 «Ulceras» — S. Job e Santo Eloy.
 «Variola» — Santo Elias.
 «Vomitos» — Santa Juliana.
 «Doenças dos olhos» — Santa Luzia, Santa Clara, S. Jeronymo, S. Raphael e S. Felix.
 Passemos agora ás necessidades da vida:
 «Para chover» — Santa Suzanna e Santo Izidro.
 «Para deixar de chover» — S. Raymundo.
 «Para cessar o vento» — S. Braz.
 «Para haver tempo favoravel ás colheitas» — S. Gregorio.
 «Para as colheitas serem abundantes» — Santo Urbano.
 «Para impedir que ellas se percam» — S. Nicolau.
 «Para fructificar as vinhas» — S. Severino.
 «Para proteger as maçãs e outros fructos» — S. Christovam.
 «Para livrar de tempestades» — S. Valeriano.
 «Para livrar de terremotos» — Santo Emygdio, Santa Agueda e Santa Justa.
 «Para livrar dos raios» — Santo Aureliano, Santa Helena e Santa Escolastica.
 «Para facilitar os casamentos» — Santa Ursula, Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga.
 «Para proteger as mulheres separadas dos maridos sem culpa d'ellas» — S. Daniel de Padua.
 «Para livrar de pensamentos impuros e de ciumes» — Santo Arellipe.
 «Para abrandar os genios fortes» — Santo Arcadio.
 «Para se ser feliz nos exames» — S. José.
 «Para livrar de incendios» — S. Lourenço, Santo Antonio e S. Francisco de Paula.
 «Para se acharem as coisas perdidas» — Santo Antonio e Sant'Anna.
 «Para se acharem as coisas roubadas» — S. Vicente.
 «Para as boas viagens» — Os Santos Reis Magos e S. Raphael.
 «Para arranjar boas poisadas ou albergues» — S. Julião e Santa Gertrudes.
 «Para livrar do medo» — S. Gil.

«Para fazer ganhar demandas» — Santo Ivo.

«Para se conhecer a hora da morte» — S. Paschoal e Santa Brigida.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christã

2.^a PARTE

X

A Igreja

A esposa, tu, dos celicos cantares
 Do sabio, entre os mais sabios;
 Que serves ao Senhor, nos teus altares,
 E levas nos teus labios
 A sciencia pura do divino Verbo:
 Do mal acerbo
 Do peccador, Mãe compassiva, santa:
 A quem te canta,
 Cantos d'amor e de respeito inspira,
 Temp'ra a lyra.

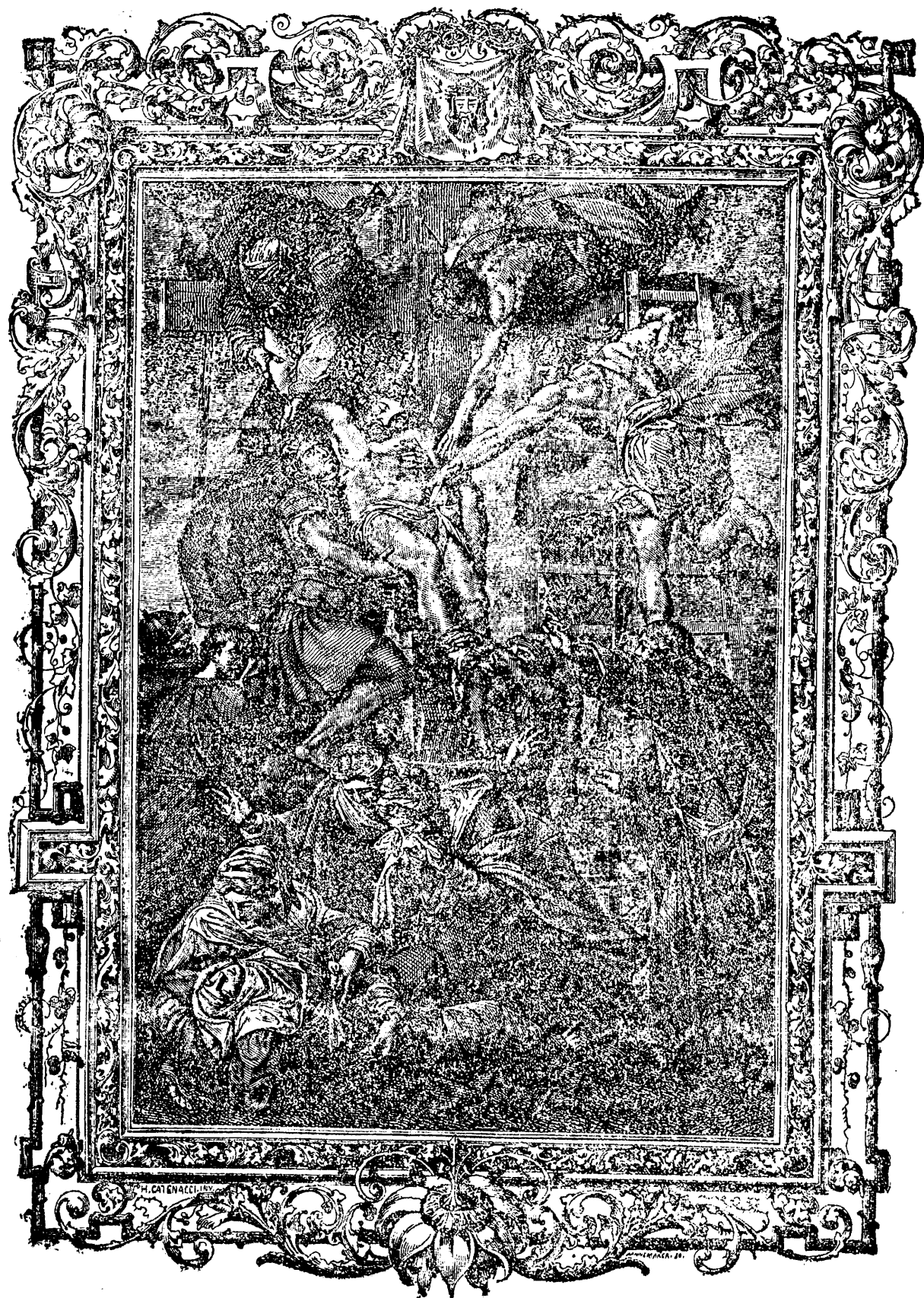
Depositaria, tu, de grandes graças
 De meritos divinos,
 E conhecendo as maximas desgraças
 Dos pobres peregrinos,
 E's compassiva, generosa e terna,
 A paz eterna,
 Que vás, p'ra todos, com amor buscando,
 Sempre lutando,
 Contra o poder escommunal da fera,
 Que o mal opera.

Essa soberba, que infernal e humana,
 Expreme a rebeldia,
 Que de poder e de saber se ufana,
 Com nesca demasta,
 P'ra não dobrar ante o seu Deus joelho,
 Triste conselho!
 De consequencias des'peradas, largas,
 As mais amargas,
 Com o fermento d'um travor eterno,
 Junto do inferno.

Mas tu, serena n'essas hordas nada,
 Sem que temas dos ventos
 Contrarios, investidas malfadadas,
 De pessimos intentos,
 E mui tranquilla, lá no amor divino
 Do teu destino,
 Afrontas ventos, pacificas ondas,
 E as voltas rondas
 Da fera forte, mais sagaz, malvada,
 Sem temer nada.

Esposa de Jesus bendita, eterna
 E's nossa Mãe querida,
 Nos abres passo para a vida eterna,
 Ao ver a luz da vida,
 Na fé sustentas nossa infancia bella,
 Fulgida estrellã
 Na educação da juventude nobre,
 De rico e pobre
 E's tu a mestra carinhosa e pura,
 Sempre segura.

Tão infallivel, qual divina e santa,
 Indefectivel, forte,
 Universal, catholica te canta,
 D'apostolico porte,
 Uma, mui terna Mãe em todas partes,
 Que luz repartes,
 Quem te conhece e reverente te ama,
 E por ti clama,
 Qual filho grato, que, da Mãe querida,
 Por mim lida.



DESCIMENTO DA CRUZ

E's a Mãe santa dos teus filhos crentes,
Do teu Jesus amantes,
Que sentem nobres, como nobre sentes,
E, agora, como d'antes,
São obedientes, como foram tantos
Sabios e santos,
E te dedicam com prazer louvoros
E mil amores,
Na reverente submissão bemdita,
Que em mim palpita.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGATA.

QUANDO CREANÇA

Era eu bem pequenino;
E, com riso diamantino,
Dos labios de minha mãe
Ouvia sua voz sonora,
Mansamente como a nora:—
Nossa Senhora está alem!...

E eu, qn'inda era petiz,
Saber, por isso, mais quiz
Do que acabava de ouvir:
Pedi-lhe, com certo interesse,
Que já agora me dissesse,
Me acaba-se de instruir...

—Meu filho, escuta o que digo,
Repete mesmo, commigo,
A historia d'aquelle outeiro;
Mas attende ao que eu disser,
Porque é isso o que Deus quer,
E sé christão verdadeiro.

Aquelle outeiro, que vés,
Foi Deus que, um dia, uma vez,
Tirou do abysmo do nadal
Alli, em tempos já idos,
Os bichos, mui atrevidos,
Fizeram sua morada.

Os nossos eram então
Um bom viveiro christão:
E sabes o que fizeram?!
Foi feita aquella capella,
Puzeram a Virgem n'ella
—Onde, ha muito, A elles veneram.

Porém, em tempo passado
De dias abençoados,
Em que eu era innocente,
Havia mais devoção,
Pois á missa e ao sermão
Ia toda, toda a gente!

Tu, meu filho, escuta bem
O que te diz tua mãe:—
Não quiras andar errado;
Segue sempre, rectamente,
O que faz a boa gente—
Evita sempre o peccado!—

Foi assim que ella fallou,
Que, no meu peito, gravou,
Tão viva, uma lembrança
D'aquillo que lhe ouvi—
Mesmo do que prometti,
Em tempo—Quando creança!—

EUGENIO DOS SANTOS FREIRE.

A MORTE DA FLÔRI

Em pequeno, triste jardim
Florinha meiga vivia
Ao pé d'um grande jasmin
Que do sol a defendia.

E era tão amarella
Aquella tão linda flôr!
Jamais vi outra mais bella
Que tivesse aquella côr.

A florinha foi crescendo
Até que desabrochou
E um dia alguem a vendo
Amor logo lhe gerou.

A florinha foi colhida
Com o amor que produziu
Chorou pois tão affligida
Ninguem mais alli a viu.

Ficou a gente admirada
Passado esse triste dia
Com a flôr estiolada
Que depressa morreria.

A triste murchou ao peito
D'um joven que a colheu,
A rua teve por leito
Depois que a triste morreu!...

Timor Dilly.

FRANCISCO DO E. S. GUERRA.

A MINHA ESTRELLA

Durante as bellas noites
Que é da minha estrella
Que eu lá via da janella
Tão meiga a tremeluzir?
Oh! já agora não a vejo!...
Que prazer que eu sentia
Quando tarde ás vezes ia
P'ro meu quarto de dormir!..

Era branca, côr de prata
Tão pura, tão singella,
Não achei outra mais bella
Em todo o ceu de Portugall
Via-a sempre lá de noite
Com seu brilho argentine
Bello, puro, diamantino,
Sem nunca vér outr'igual.

O nome era Matutina;
Ella annunciava a aurora
Quasi sempre á mesma hora
Com o seu meigo sorrir!
Isto era por deshoras;
Mas quando o sol nascia,
Ella logo se escondia
P'ra então não mais luzir.

Timôr Dilly.

FRANCISCO GUERRA.

O Natal

QUE dia é este tão alegre e festi-
val? Oh! de todos os labios sahem
estás consoladoras palavras: dia de Na-
tal! No céo, na terra, na casa do rico
e na choupana do pobrezinho, se ouve
com suavissima harmonia este hymno
immensamente consolador: Gloria a
Deus nos céos e na terra paz aos ho-
mens que nasceu Jesus em Belem.

Sim, nasceu Jesus, o libertador da
humanidade. Nasceu Jesus! tudo, á

uma, o proclama e annuncia: este can-
to unanime da natureza, esta alegria
pura que de todos os rostos irradia,
este bulicio geral que ha no uni-
verso; os alegres e festivos repiques
dos campanarios, o rufar dos tambo-
res e os estalidos dos foguetes.

E' grande o regosijo no lar do
opulento, e grande, e santa a alegria
no casebre do pobre que junta em tor-
no de si os adorados filhinhos, que
alegres e pressurosos lhes trouxeram
a consoada para, mais uma vez, em
doce convivio, a comerem juntos. E
depois, que expansivos risos! que con-
versações intimas! que preces fervoro-
sas a Jesus, nascido!

Não ha quadro mais pathetico do
que uma noite de Natal em familia.
Dia de Natal, como és grande, subli-
me, extraordinario! O prazer como a
dôr são grandes n'este dia!

Sim, a dôr!... A mãe que perdeu
o filhinho que idolatrava e que tantas
vezes o aconchegou ao seio, oh! no
dia de Natal as suas lagrimas são mais
amargas, os suspiros mais intimos, e
as saudades mais intensas: porque não
vê junto a si o filho que a morte lhe
roubou. A filha que viu sumir-se nas
concavidades do tumulo, a mãe que
em extremo amava, oh! no dia de Na-
tal augmenta-se-lhe a sua dôr tão gran-
de como justa quando vê toda a fami-
lia reunida, como n'um doce amplexo,
mas que lhe falta o ente querido que
estremecia, e, então, com a alma rala-
da d'angustia, n'uma prece mais fervo-
rosa que nunca, diz a Jesus: «Dae, Se-
nhor, a minha mãe, os resplandores da
luz eterna». E todos assim com sau-
dades mais vivas e orações mais fer-
vorosas se lembram, n'este dia, dos
seus queridos extinctos.

Dia de Natal! como eu tambem sin-
to a alma enebriar-se-me de gozo e o
coração de pungentes e acerbos sauda-
des ao lembrar-me do feliz tempo da
minha infancia! Com que alegria corria
a ver o presepio de Jesus nascido! ou-
vir as suas festas e vêr as lindas pren-
das que lhe offertavam! Com que ale-
gria e entusiasmo de creança jogava
os pinhões, os figos e as amendoas!
Como andava alegre e contente a en-
feitar a linda arvore do Natal!

Oh! tempo feliz da minha infancia,
como hoje sinto mais vivas as sauda-
des por til! Como choro e como oro a
Jesus por todos esses queridos entes
que me embalaram nas santas creanças
de Jesus, e me acariciaram na minha
infancia!

Dia de Natal, dia feliz e venturoso
para o crente que ao presepio de Be-
lem vae, com a alma pura e o coração
repleto d'amor, contemplar a scena
mais commovente e encantadora do
universo; e, ahi, deante da formosissi-

ma Virgem, do adoravel Menino e S. José, pede graças para si e para os que lhe são caros na vida! Oh! como ha-de aquelle divino Infante, mais formoso que o sol, mais puro que as estrellas, mais meigo que o sorriso da aurora, deixar de nos attender n'este dia, se por nosso amor soffreu os rigores do frio e em vez de berço dourado e sumptuoso palacio, escolheu um pobre presepio?!!

Que sublime lição nos dá o presepio de Belem!...

Jesus para resgatar-nos toma a nossa natureza, e para mais confiança nos inspirar apparece-nos na forma encantadora d'um menino, e diz-nos a cada um de nós em particular: Não temaes, vinde ao presepio e ahí aprenderéis a amar a pobreza de que estou revestido, a humildade que tanto medo inspira aos grandes do seculo, e a pureza, a paciencia, e a conformidade á vontade de Deus.

Peccadores, vinde ao presepio e Jesus vos rehabilitará para a vida eterna.

Justos, vinde ao presepio, e aquelle Menino que é todo o vosso enlevo vos ajudará a levar a vossa cruz com corajosa resignação.

Crianças, vinde ao presepio orar a Jesus, e Elle dar-vos-ha um feliz porvir.

Poetas, vinde ao presepio que Jesus vos dará santas inspirações para que em suaves estrophes canteis os louvores seus.

Escreptores, vinde ao presepio adorar a Jesus e a vossa penna só se moverá em prol da verdade que hoje, mais que nunca, é tão vilipendiada.

Ricos, pobres, sabios e ignorantes, vinde ao presepio offerecer a Jesus vossas vassalagens e Elle guiará vossos passos pela senda rutilante da virtude.

Infelizes, vinde deante do presepio orar a Jesus que os sorrisos d'este divino Menino mudar-vos-ha as agruras da vossa existencia em doces e suavissimas esperanças.

Virgens, vinde ao presepio adorar a Jesus e Elle que não esquece sequer um copo d'agua dado em seu nome, recompensará a vossa angelical virtude com o fulgurante diadema da immortalidade.

Catholicos, vamos todos ao presepio de Jesus e peçamos-lhe as graças de que necessitamos para nós, descanso eterno para os nossos queridos finados, e prosperidade para o nosso adorado Portugal que tanto vacilla nas suas crenças; e, todos á uma, com o coração trasbordando de jubilosa gratidão para com o suavissimo Jesus do presepio, cantemos-lhe com toda a força das nossas almas o aureo hymno

que os anjos lhe cantam no céu: Gloria a Deus nos céos e na terra paz aos homens que nasceu Jesus em Belem.

M. M.

• SECÇÃO ILLUSTRADA

S. Casimiro, confessor

(Vid. pag. 49)

S. CASIMIRO era filho de Casimiro III, rei da Polonia e gran-duque de Lithuania, e de Isabel d'Austria, filha do imperador Alberto, rei da Hungria e da Bohemia.

Nasceu em Cracovia no dia 5 de outubro do anno de 1458, e foi formado desde o berço na virtude e na piedade pelos cuidadosos desvelos da rainha sua mãe, uma das mais religiosas princezas do seu seculo.

O feliz natural de Casimiro pouco deixou que fazer á educação; e o seu talento vivo, penetrante e delicado, realisou em mui pouco tempo maravilhosos progressos nas sciencias.

Porém mais rapidos e admiraveis foram os que elle adiantou na virtude. E' difficil imaginar mais innocencia, mais compostura, mais devoção, n'um principe de tenra idade.

Prevenido desde o berço com as mais doces bençãos do Senhor, ignorou toda a sua vida o proprio nome do vicio.

O brilho d'uma das mais illustres familias da Europa, longe de o fascinar, nem sequer lhe mereceu um momento de attenção.

Filho de rei, irmão de rei, e eleito elle proprio rei da Hungria, nunca estimou senão a augusta qualidade de cidadão do céu, unico titulo que se dava a si mesmo.

Inimigo dos mais ordinarios e mais honestos divertimentos, nada encontrava mais doce e mais do seu agrado do que passar largas horas na igreja ao pé dos altares, fazendo côrte, como elle dizia, a Jesus Christo; e quando os seusaios lhe representavam que era mister desafogar o animo com alguma diversão honesta, respondia-lhes com bondoso sorriso que no templo, aos pés de Jesus Christo, encontrava elle todo o desfado do passeio, do jogo e da caça.

Era tão particular e tão terna a devoção que o bemaventurado joven professava á sagrada paixão do Senhor, que ao ouvir falar das dores e dos tormentos que se lhe representaram no Horto e padeceu no Calvario; ao considerar aquelle excesso de amor que o fez victima de nossos peccados; só em pôr os olhos n'um crucifixo, se lhe ar-

razavam os olhos de lagrimas, e não poucos vezes cahia n'uma especie de deliquio, que parecia ver-ladeiro desmaio.

Não houve, nem haverá predestinado algum que não professe uma terrissima devoção á Santissima Virgem: a de S. Casimiro a esta Rainha dos escolhidos era extraordinaria.

Não a chamava senão sua boa Mãe, e falava d'ella sempre com excessiva ternura e nos termos mais energicos, para manifestar o respeito e o ardente amor que lhe consagrava.

Para desafogar em parte a sua incendida devoção á Imperatriz dos Anjos, além d'outros muitos devotos exercicios, que lhe eram familiares, compôz em honra sua, sendo ainda muito joven, uma prosa rimada, cheia dos mais ternos affectos do seu coração.

A' eminente santidade de Casimiro correspondia o zêlo pela religião; em virtude do qual persuadiu el-rei seu irmão a que despojasse os herejes das egrejas de que estes se tinham apoderado, onde celebravam as suas sediciosas reuniões, e que não se restituíssem aos scismaticos as que se lhes haviam tirado.

Acompanhava este zêlo ardente pela religião um amor não menos ardente pelos pobres, de quem era extremoso pae.

Se lhe notavam que era abatimento da sua elevação e da sua real pessoa entregar-se tão indistinctamente a todo o genero de obras de caridade respondia, que nenhuma coisa honrava tanto os grandes, nenhuma era mais digna da suprema culminação dos principes, como servir a Jesus Christo na pessoa dos seus pobres.

—Pelo que me respeita, costumava accrescentar, colloco toda a minha gloria em servir o pobre mais andrajoso e despresado.

Foi eleito rei da Bohemia seu irmão mais velho Ladislau, e toda a Polonia celebrava já a ventura que esperava de ter um dia por seu rei a Casimiro, quando chegou noticia de haver sido eleito rei de Hungria por toda a nobreza e estados do reino, os quaes cançados já dos intoleraveis costumes e governo de Mathias Hugnades, o tinham precipitado do throno.

Apesar da resistencia que a modestia do joven Casimiro oppoz ao sceptro, foi-lhe forçoso render-se.

Partiu para tomar posse da corôa; porém a lentidão da sua marcha, effeito da repugnancia e até fastio com que o santo joven olhava as grandezas da terra, deu tempo a Mathias para volver a ganhar os corações e a compaixão da principal nobreza hungara, •

para levantar um exercito consideravel com que fazer frente ao novo rei, que estava mui longe de querer conquistar com o sangue de seus vassallos uma corôa, cuja acceitação tanto sacrificio custára á sua inclinação e heroica virtude.

Casimiro rendeu mil graças ao céo por aquelle acontecimento, tão conforme ao seu desengano e aos seus piedosos desejos, e cheio de goso voltou para a Polonia.

Os doze annos que lhe restaram de vida dedicou-os inteiramente a santificar-se mais e mais pela pratica de todas as virtudes, e especialmente pelo exercicio d'uma rigorosissima penitencia. Trazia sempre á raiz das carnes um aspero cilicio; o seu jejum era perpetuo; dormia no chão ao pé da riquissima cama que só era de honra e de respeito, passando de ordinario na oração a maior parte da noite.

Ainda que joven de galharda disposição, e creado entre as delicias da corte, conservou até expirar a sua primeira innocencia.

Fez voto de perpetua castidade logo que teve annos e reflexão para conhecer o que vale esta heroica virtude.

Vãmente o quizeram persuadir e instaram com elle a que se casasse; não houve rasão, nem de Estado, nem de familia, nem da propria saude que vencesse a constancia do bemaventurado joven; em conclusão, quiz antes perder a vida que a virgindade.

Já estava o santo príncipe mui maduro para o céo. Não parecia justo que a terra possuisse por mais tempo um thesouro tão precioso, de que o mundo não era digno.

Ao lento, porém maligno ardor d'uma febre continua, foi-se dispondo com muito tempo para a morte. Redobrou a devoção e o fervor; e tendo recebido os ultimos sacramentos com extraordinaria piedade, chegou enfim a dia 4 de março de 1484, aos vinte e tres annos e cinco mezes de edade, morreu a morte dos justos em Wilna, capital do gran-ducado de Lithuania, cujo duque era o santo mancebo.

Logo quiz o Senhor patentear a santidade do seu fiel servo com multidão prodigiosa de milagres.

O Papa Leão X terminou o processo da sua canonisação com a maior solemnidade, sendo desde então conhecido por singular protector da Lithuania e da Polonia.

No anno de 1604, cento e vinte depois da sua ditosa morte, foi encontrado inteiro e incorrupto o sagrado corpo; e no instrumento authentico d'esta maravilha, que com auctoridade do Bispo de Wilna se outorgou na presença de todo o cabido e dos principaes d'aquella cidade, diz-se que os preciosos

vestidos com que elle foi enterrado se acharam tão inteiros e tão novos, como se lh'os tivessem posto n'aquelle mesmo dia, embora a humidade do sitio houvesse penetrado as pedras da abobada e as proximidades do sepulcro.

Accrescenta-se no mesmo instrumento, que por espaço de tres dias se notou uma admiravel fragancia em toda a Igreja, e que se achou debaixo da cabeça do Santo a devota prosa ou hymno em honra da Santissima Virgem, que acima copiamos, escripto todo de seu punho, e que ainda se conserva como preciosa reliquia.

O antigo auctor da sua vida diz que se invoca a intercessão de S. Casimiro, principalmente para obter de Deus o dom da castidade, para ser preservado da peste, e contra as incursões dos infieis.

*

* *

Descimento da cruz

(Vid. pag. 55)

A pouca distancia da cruz estavam as pessoas que conheciam Jesus, assim como as mulheres que o tinham acompanhado de Galiléa a Jerusalem, e que o soccorriam habitualmente de suas fazendas. Entre essas mulheres estavam Maria Magdalena, Maria, mãe de Thiago Menor, apostolo e de José (a mesma mulher de Cleóphas), e Salomé, mãe dos filhos de Zebedeu, Thiago e João. Ellas observavam de longe o que se passava e havia tambem alli muitas outras mulheres que tinham vindo com Jesus a Jerusalem.

A lei prohibia deixar expostos os corpos dos suppliciados por mais d'um dia. Tiravam-se de tarde para furtar ás vistas do povo esses desgraçados que na opinião do vulgo eram um objecto de maldição. Como era vespera do sabbado e esse sabbado coincidia com a festa da Paschoa, mais motivos havia para que se executasse essa prescripção da lei com referencia a Jesus e aos dois ladrões, e se não deixasse os seus corpos na cruz ás vistas de toda a cidade, durante as solemnidades que se iam celebrar.

Os Judeus vieram pois pedir a Pilatos que mandasse quebrar as pernas aos supplicados para lhes apressar a morte e poderem ser tirados das cruces. Plinio diz-nos que este novo supplicio se accrescentava ás vezes á crucifixão quando se via que a victimia tardava muito a espirar.

Pilatos mandou que alguns soldados fossem acabar os suppliciados. Quebraram as pernas dos dois ladrões que se achavam á direita e esquerda de Jesus Christo, mas quando chegaram a Jesus viram que elle já estava morto, que todos os seus membros já estavam

hertos e gelados, e não julgaram necessario quebrar-lhes as pernas como aos outros dois.

Unicamente para que não houvesse duvida nenhuma sobre a realidade da sua morte, um dos soldados lhe traspassou o lado com a lança. Da ferida manou sangue e agua. João que foi testemunha d'este maravilhoso caso, refere-o convidando todos que lerem a sua narração a prestarem particularissima attenção a esta mysteriosa circumstancia.

O evangelista relaciona estes dois factos com as prophcias contidas no Velho Testamento, e pondera que se os soldados respeitaram o corpo de Jesus, e não lhe quebraram os ossos como aos dois ladrões, foi para cumprir aquellas palavras da Escripura que dizem, falando do cordeiro pascal, uma das figuras mais expressivas de Christo: «Não quebrareis nenhum dos seus ossos.» Se o atravessaram com a lança, foi porque o propheta Zacharias tinha dito: «Elles hão de vêr aquelle que atravessaram.» E então foi que a sua prophcia se realisou.

Quanto á agua e sangue que saíram do lado ferido de Jesus, os Santos Padres viram n'esse facto sem exemplo a imagem do baptismo e da eucharistia, que são os dois sacramentos pelos quaes Christo perpetua e nutre a sua Igreja.

Depois d'isso, pela tarde, na occasião em que se faziam os preparativos para não violar o descanso sagrado do sabbado, um homem muito rico d'Armathéa (cidade situada a seis ou sete leguas a noroeste de Jerusalem) chamado José, decidiu-se a ir pedir a Pilatos o corpo de Jesus. Era um homem justo e virtuoso, que gozava da estima de todos os seus concidadãos.

Tambem esperava o reino de Deus e fazia parte dos discipulos de Jesus, cuja doutrina elle conhecia, mas não tinha querido manifestar a tal respeito a sua opinião, porque temia os principes dos sacerdotes e os outros membros influentes da synagoga. Como era de nobre estípe, fazia parte do conselho supremo da nação, ou synhedrio.

Quando se tinha tratado do julgamento de Jesus, elle não tivera coragem de tomar francamente a sua defeza, mas tinha-se recusado a tomar qualquer parte na sentença deicida que foi pronunciada. Sabendo que Jesus morrera, não quiz consentir que o seu corpo fosse abandonado, e tratou de dar os passos necessarios para o sepultar convenientemente.

Como as leis romanas prohibissem enterrar os criminosos sem licença dos juizes, José d'Armathéa teve que dirigir-se a Pilatos para obter o corpo de Jesus. Este pedido não havia de

causar admiração ao governador romano, porque Augusto recommendára que se dessem áquelles que os pedissem os corpos dos justicados, e este uso passou ao direito romano, como o prova o testemunho de Paulo citado por Ulpiano.

Por isso Pilatos não mostrou difficuldade nenhuma em conceder o que se lhe pedia. Apenas se admirou de que já tivesse morrido o Rei dos Judeus. A sua sentença era de pela manhã, e como ainda não era noite, devia com certeza achar que a execução fôra muito rapida. Mandou chamar o centurião cujos soldados tinham assistido ao supplicio e perguntou-lhe se era verdade ter já morrido Jesus. Recebendo resposta affirmativa, concedeu licença a José d'Arimathéa para que levasse o corpo.

Talvez Pilatos, que a custo pronunciára a condemnação de Jesus a quem julgava innocente, sentisse n'essa occasião certa satisfação por entregar nas mãos d'um homem honrado o seu cadaver para lhe serem prestadas as honras que elle conhecia que lhe eram devidas.

Fosse como fosse, José d'Arimathéa, munido da auctorisação que desejava, comprou um lençol, mandou despregar Jesus Christo da cruz, e foi-se levando comsigo o precioso corpo. Todavia não foi elle só que teve a gloria de dar sepultura ao Homem Deus. Nicodemos, que n'outro tempo procurara Jesus uma noite para se instruir na sua doutrina, e que tomára corajosamente a sua defeza, alguns dias antes da Paixão, contra as prepotencias da synagoga, tambem fôra ao Calvario para receber o corpo de Jesus. Trouxera comsigo umas cem libras d'uma mistura de myrrha e aloes para gastar essas substancias aromaticas no seu embalsamento.

Depois de receberem o corpo de Jesus o envolveram no lençol que José mandára comprar e n'outros pannos com os balsamos que Nicodemos trouxera, segundo o costume usado pelos Judeus nos enterramentos.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

JÁ está publicado o 1.º volume do «Catecismo de Perseverança», do Padre J. Gaume, que o benemerito editor catholico portuense, sr. Antonio Dourado, está publicando.

Com toda a regularidade continua a ser publicada este excellente «Catecismo.» Bem haja o benemerito editor!

Terminada a obra, o preço será elevado. Bom será pois que aquellas pessoas que o tencionam assignar aos fasciculos ou aos volumes, o façam já,

para não terem de comprar a obra por preço mais elevado.

*

Da Livraria Catholica Portuense, do sr. Aloysio Gomes da Silva, recebemos o primeiro livro — «Corações acima ou soliloquios de Santo Agostinho», nacionalizados em vernaculo sobre o original latino e anotados nas passagens obscuras pelo Padre Senna Freitas.

Falando d'este precioso livro, escreve o nosso distincto collaborador, sr. Antonio Moreira Bello:

«Quem, medianamente instruido, não conhece mais ou menos o vulto proeminente de Agostinho, arrebatado ao mal tenebroso e á mais funda impiedade pelos infatigaveis esforços e ferventes orações de sua mãe Santa Monica, e sobretudo pelos dons da celeste graça e volvido de grande peccador e perigoso philosopho do erro em glorioso Santo e fulgurantissimo defensor da verdade, produzindo obras de tão alto e incontestavel merecimento como as «Confissões», a «Cidade de Deus» e os «Soliloquios?» «Descei até ás portas do inferno, diz n'estes o illustre convertido, e foi a tua mão potente que me deteve para que lá não entrasse.»

Não posso dar uma ideia mais verdadeira e lucida da essencia do precioso livrinho que me occupa, que transcrevendo aqui o que na prefação d'elle diz o eximio interprete de Santo Agostinho: «E' aqui que elle se abandona ás effusões de um coração que na presença de um Pae, que é ao mesmo tempo um Deus, rompe em hymnos de adoração, de louvor, de jubilo; contempla, admira, geme, chora, humilha-se e confia, inserindo em nossa alma identicos sentimentos, com a mais irresistivel suavidade.»

Taes primores de um coração ardente, piedoso e reconhecido, não podiam ter mais fiel e mavioso interprete que o rev.^{mo} Padre Senna Freitas, o accurado e brilhante estylista que todos conhecem.

Leiam todos este aureo thesouro de pensamentos sublimes e encantadora linguagem, leiam-n'o principalmente os tristes e desalentados, e cobrarão conforto e esperanza. E, se todo o tempo é adaptado a tal leitura, mais o é a quadra de penitencia em que vamos entrar.»

A isto nada mais temos que accrescentar.

RETROSPECTO

O credo social do povo

Creio em Deus Padre, que nos tirou do nada, em Deus Filho que nos redimiu com o seu sang em Deus Es-

pirito Santo que nos allumia com suas luzes e nos conforta com a sua graça.

Creio na Divina Providencia que, vestindo o lyrio e alimentando a ave-sinha, trata quotidianamente de cobrir a nossa nudez e de manter-nos com os fructos da terra.

Creio que Jesus Christo ao trabalhar na officina de Nazareth no modesto officio de carpinteiro, nos ensinou com um exemplo divino que o trabalho, longe de envilecer, dignifica.

Creio que o primeiro dever social é o trabalho.

Creio que o povo não é soberano, mas subdito ligado com o vinculo da christã-obediencia ao que manda em nome de Deus.

Creio que ao povo lhe interessa mais que a ninguem estar bem governado, sendo-lhe indifferente sel-o por uma monarchia ou por uma republica, porque n'aquella e n'esta, ha de trabalhar para viver.

Creio que Nosso Senhor Jesus Christo é o unico Salvador da Sociedade e que devemos apoiar tudo o que a Elle se aproxime e combater tudo o que d'Elle não pode haver boa educação para os filhos, boa ordem para a familia, paz segura para a nação, nem saude para os corpos, nem tranquillidade para as almas.

Escolas de Jesus. Maria. José

Recebemos da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Emilia Antunes Namorado a quantia de 700 reis para as escolas Jesus, Maria, José. Agradecemos.

Uma estatistica curiosa

Uma das mais curiosas averiguações, que demonstra até que ponto deve ser levado o cultivo da sciencia estatistica pelos ociosos, é a seguinte:

Calcula-se que o numero de nascimentos que ha annualmente em todo o mundo é de trinta e seis milhões, ou seja approximadamente, um por segundo.

Um individuo affeigado aos calculos estatisticos chegou, a este respeito, á conclusão de que, pondo-se, uns após outros, todos os berços dos trinta e seis milhões de recém-nascidos, se obteria uma extensão igual ao desenvolvimento d'um circulo maximo da terra, e que fazendo desfilar deante d'uma pessoa todas as mães com as amas e as creanças a vinte por minuto, os ultimos petizes que passassem deante do espectador teriam já quatro annos de idade!

Qual será o novo cumulo da estatistica?...

Bom exemplo de lutherano

Ha pouco tempo a Rainha Guilhermina da Hollanda, acompanhada por

sua mãe, a rainha regente, foram a Arnhem.

Ahi os Estados provinciaes offereceram um jantar de gala e antes de se sentarem á mesa a rainha mãe pediu em alta voz que se dêsse um curto espaço para que todos os presentes podessem fazer a sua prece antes da comida. Então os deputados catholicos disseram o *Benedicite*, as rainhas e os convivas protestantes recitaram o *Pater Noster*, em lingua vulgar.

Isto mostra como ha lutheranos que teem mais crenças do que muitos que se dizem catholicos.

Um remedio para a influenza

Affiança-se que dá um maravilhoso resultado contra a influenza o seguinte preparado caseiro:

Uma chavena de chá preto de boa qualidade na qual ae expreme um limão maduro e se deita uma colher de sôpa de assucar branco.

Toma-se este preparado tepido, abafando-se depois a pessoa para transpirar.

E' preciso ter muito cuidado com a rechida.

Cosinha mostra

Acaba de se construir em New York, um hotel gigantesco que tem uma cosinha que mede 50:000 pés quadrados.

N'esse espantoso compartimento, ha 16 fornalhas, 6 fogões, 3 grandes fornos e 6 caldeiras monstruosas para cozer legumes. O mestre de cosinha occupa uma especie de galeria bastante elevada de onde pôde vigiar o pessoal que se compõe de 181 individuos.

Para uma refeição poder-se-hão preparar ao mesmo tempo 5:000 rações de sôpa, 6:000 chavenas de café, 3:000 libras de carne, 1:200 costelletsas de carneiro, 485 patos assados e 650 doses de carneiro.

Como se fazem os santos

O rev. Padre Monsabré dizia n'uma das conferencias em Nossa Senhora de Paris:

«Uma aldeã, ha muito tempo pros-trada no leito por doença impertinente costumava reunir em volta de si, para fazerem oração, todos os seus filhos.

Antes da oração, liam e meditavam a «Vida dos Santos». Um dia leram a paixão d'un joven martyr, que, no meio dos tormentos mais horrorosos, exhalara o ultimo suspiro, confessando a sua fé, pronunciando alegremente o nome de Jesus.

«Após a leitura, exclamou, cheia de lagrimas: «Oh meus filhos! quem faria hoje o mesmo?» Todos os filhos se levantaram a um tempo e responderam: «Nós, minha querida mãe, nós todos, com a graça de Nosso Senhor Jesus Christo.»

São estes os sentimentos que a nós todos, catholicos praticos e não de nome sómente, deuemos fazer florescer na alma de nossos filhos, habituando-nos cada dia a uma hora fixa, a fechar os livros frivolos, a impôr silencio ao ruido da vida mundana, para cermos e meditarmos em familias a «Vida dos Santos.»

Um quadro de Alberto Durer

Um amator de Munich possui um quadro representando Christo coroado de espinhos, attribuido a Alberto Durer. A tela é admiravel, mas ainda assim a sua authenticidade encontrava scepticos. O dono do quadro, para resolver a questão, pensou em experimentar a radiographia.

Com effeito viu-se muito distinctamente apparecer no cliché, entre os pormenores que o ennegrecimento do fundo havia escondido, o monogramma de Alberto Durer, a data 1521 e uma inscripção latina de duas linhas, antes inteiramente illegiveis.

Quem o verdadeiro rico?

E' do Padre Antonio Vieira o seguinte pensamento:

Quem são os ricos n'este mundo? Os que teem muito? Não, porque quem tem muito deseja mais, e quem deseja mais, falta-lhe o que deseja e essa falta o faz pobre. A Adão tambem o perdeu a sua pobreza porque, tendo tudo, ainda quiz mais do que tinha. De maneira que não é rico quem tem muito, ainda que seja tudo. Pois quem é o verdadeiro rico? Aquelle que não quer nada, porque nenhuma cousa lhe falta.

A oração e a tempestade

Com um tempo bonançoso — conta Affonso Karr — embarquei n'uma lancha de pesca para presenciar uma pesca no alto mar. Mas ao meio dia encobriu-se o céu e um forte vento sudoeste arrastou em poucos minutos sobre nós uma terrivel tempestade. Em vão os marinheiros luctavam contra os agitados elementos, pois a nossa barca, impellida pelas encrespadas ondas, ameaçava submergir-se e sepultar-nos no abysmo.

«Então o timoneiro, tirando o chapéu, disse: «Rapazes, rezemos, para pedir a Deus que nos salve». E como os seus companheiros parecessem duvidar de que a oração podesse salvar-os, e n'aquelle momento um raio de sol que appareceu atravez das ne- gras e densas nuvens, illuminasse um ponto longinquo do liquido elemento, exclamou: «Alli tendes aberta uma janella do céu pela qual Deus vê o nosso perigo, e como sabe que temos esposas e filhos, estou certo de que se lh'o pedirmos nos salvará. Peçamos-lhe, pois.» E ajoelhando-se todos, dirigiram á Virgem Maria uma breve mas fervorosa oração.

Pouco depois o vento havia mudado e afastado as nuvens e todos nós regressamos sãos e salvos ao porto.»

O olphato d'um surdo-mudo

Um tal Jhone Messmann, surdo-mudo, que vive na povoação de Parkesburgo, na Virginia (Estados-Unidos), tem um olphato tão fino que excede o melhor cão de caça.

A mais de cem metros, Messmann reconhece a presença e a qualidade d'uma pessoa qualquer.

Pode, assim mesmo, dizer sem receio de enganar-se, se tem deante de si um americano do norte ou do sul, ou um europeu.

Este sujeito utiliza o olphato para descobrir as minas de petroleo as eiscentos ou setecentos pés sob a terra. Indicou já umas quarenta a um syndicato, tendo-lhe o seu nariz feito ganhar até hoje mais de dous milhões de francos.

Tudo isto nada tem de particular, tratando-se d'um nariz norte-americano.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Corretos, 1\$000 reis—Estados da India, China, e America, 1\$280 réis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 réis

As assignaturas são pagas adiantadamente

Tudo o que se refira ao PROGRESSO CATHOLICO deve ser enviado a Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria 74—PORTO.